

---

## Interseccionalizando Beyoncé: por que o Grammy de álbum do ano ainda não é dela? <sup>1</sup>

Sandra Rita de Cássia ROZA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

**RESUMO:** Este presente artigo tem o objetivo de apresentar a importância de usar a Interseccionalidade para analisar Beyoncé, seus trabalhos, representações na mídia e premiações, como o Grammy Awards. Assim, foram analisados dois momentos: as premiações de álbum do ano em 2017, quando a cantora concorreu com *Lemonade* (2016) e, em 2023, quando ela concorreu com *Renaissance* (2022). Para compreender mais a dinâmica das representações e o papel da cantora, como uma mulher negra, foi realizada uma análise interseccional dela, conforme Roza (2022). Como resultado, foi possível perceber que as estruturas racistas e machistas (e não só) nas instituições ultrapassam o talento de Beyoncé. Ou seja, ela pode se esforçar 100 vezes mais, mas ainda poderá não ser escolhida para o prêmio principal. Isso pode afetar a saúde mental dela e também de muitas mulheres negras pelo mundo, podendo também ser um gatilho e imagem de controle para elas no mercado de trabalho ou acadêmico.

**Palavras-chaves:** Beyoncé. Feminismo Negro. Saúde Mental. Interseccionalidade.

### 1. Introdução

Trabalho duro. Esforço. Dedicção máxima. Entrega impecável. São sinônimos de meritocracia e esgotamento mental, o *burnout*, e também são comuns em letras de músicas e posicionamentos de Beyoncé. Contudo, seu trabalho, muitas vezes “no limite”, ainda não é reconhecido para o prêmio principal, de álbum do ano, do *Grammy Awards*.

E embora a artista seja a mais premiada do *Grammy* com 32<sup>3</sup> gramofones, grande parte deles foram ganhos nas categorias de R&B e Rap. O que leva ao questionamento pertinente de Roza (2022, p. 212): ‘Pessoas negras só podem ser premiadas em categorias ligadas à cultura negra?’

Muitos críticos musicais e midiáticos, em sua maioria brancos, alegam que a cantora não ganhou apenas por não ter entregado um “bom trabalho no ano”, fazendo comparações com os trabalhos premiados em cada ano. Para muitos outros e parte da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Jornalista (Ufop) e Especialista em Comunicação e Sociedade 5.0 (HSM University), email: [sandraroza72@gmail.com](mailto:sandraroza72@gmail.com)

<sup>3</sup> Em 2023, Beyoncé se tornou a artista mais premiada no *Grammy Awards* com 32 estatuetas.

legião de fãs da cantora, a *Behive*, Beyoncé, mais uma vez, foi vítima do racismo institucional do prêmio. Porém, por ser uma mulher negra, a artista não pode ser analisada somente pelo marcador racial, mas também de gênero e classe, principalmente, entre outros (ROZA, 2022).

Por exemplo, o fato de Beyoncé ser uma mulher negra, nascida no sul estadunidense e bilionária não brinda ela dos racismos, machismos, classismos, regionalismos, como aborda Neusa Souza (1983), sobre a ascensão social de pessoas negras em sociedades racistas. Além disso, também é preciso compreender que:

classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (DAVIS, 2011, p.8)

Outro ponto de destaque é o controle simbólico entorno do *Grammy* de álbum do ano, para Beyoncé, mulheres negras e pessoas negras. O fato da cantora não receber a premiação, e ver pessoas brancas recebendo com trabalhos que não entregaram a mesma qualidade e impacto do que o dela, por exemplo, pode ser um gatilho para a saúde mental. Podendo levar ao adoecimento mental, traumatizar, paralisar, causar estresse, ansiedade, pânico, depressão ou suicídio. Uma vez que:

ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (SOUZA, 1983, p. 2).

Em resposta ao racismo institucional, Beyoncé traz a música como alívio, analgésico, afeto e esperança, para si e para outras pessoas negras. É a sua comunicação para a vida, para enfrentar medos, angústias, raivas e tristezas provocadas por estruturas maiores que ela e todo o seu potencial e talento.

Com bases nas discussões acima, o presente artigo tem o objetivo de apresentar a importância de usar a Interseccionalidade para analisar Beyoncé, seus trabalhos, representações na mídia e premiações, como o Grammy Awards, como afirmo em (ROZA, 2022). Uma vez que analisar a artista sem considerar as intersecções de gênero,

---

raça, classe, entre outras, sob uma abordagem antirracista, pode levar a conclusões rasas e discriminatórias, apagando o tamanho do problemas estruturais advindos e sustentados por sociedades com raízes coloniais.

Para isso, realizarei a análise de dois momentos: as premiações de álbum do ano em 2017, quando a cantora concorreu com *Lemonade* (2016) e, em 2023, quando ela concorreu com *Renaissance* (2022). Já para analisar os dois momentos, usei como método a Lente Interseccional, que desenvolvi, de forma inédita em Roza (2022), sob abordagem metodológica da Interseccionalidade.

## 2. Mulheres Negras e o Racismo Institucional

Desde de 1959, o *Grammy Awards*, vem premiando artistas da indústria fonográfica, de diferentes gêneros musicais, em categorias de destaques e de repercussões mundiais. Entretanto, quando é abordada a diversidade dentro da premiação, é possível percebê-la nas indicações, nos últimos anos, segmentadas ou não, porém com vitórias mais raras.

Em categorias de holofotes, como álbum do ano, por exemplo, apenas 12 artistas negros venceram até hoje<sup>4</sup>. Sendo que Stevie Wonder venceu 3 vezes consecutivas e só 3 mulheres negras venceram. A primeira delas foi a Natalie Cole, em 1992, com o álbum *Unforgettable ... With love*. A segunda foi Whitney Houston, em 1994, com *The Bodyguard: Original Soundtrack*. A terceira foi Lauryn Hills, em 1999, com *The miseducation of Lauryn Hills*.

Confira a lista de todos os 12 cantores negros que ganharam na categoria principal:

- a) 1974 - Stevie Wonder com *Innervisions*;
- b) 1975 - Stevie Wonder com *Fulfillingness' First Finale*;
- c) 1977 - Stevie Wonder com *Songs in the Key of Life*;
- d) 1984 - Michael Jackson com *Thriller*;
- e) 1983 - Lionel Richie com *All night long*;
- f) 1991 - Quincy Jones com *Back on the Block*;
- g) 1992 - Natalie Cole com *Unforgettable ... With love*;
- h) 1994 - Whitney Houston com *The Bodyguard: Original Soundtrack*;

---

<sup>4</sup> 2023.

- 
- i) 1999 - Lauryn Hills com *The miseducation of Lauryn Hills*;
  - j) 2004 - Outcast com *SpeakerBoxxx/The Love Below*;
  - k) 2005 - Ray Charles com *Genius Loves Company*;
  - l) 2008 - Herbie Hancock com *River: The Joni Letters*;
  - m) 2018 - Bruno Mars com *24K Magic*;
  - n) 2022 - Jon Batiste com *We are*.

Com base na listagem acima, percebe-se que mulheres negras ganharam de forma consecutiva e depois mais nenhuma ganhou até o ano atual<sup>5</sup>, o que corresponde a 24 anos sem uma vitória de uma mulher negra na categoria. Beyoncé, por exemplo, foi indicada ao álbum do ano 4 vezes: em 2010, com *I Am... Sasha Fierce*, em 2015, com *Beyoncé*, em 2017, com *Lemonade*, e 2023, com *Renaissance*. Em todas, ela perdeu para pessoas brancas: duas mulheres e dois homens: Taylor Swift (2010), Beck (2015), Adele (2017) e Harry Styles (2023).

Já em outras categorias relevantes, Beyoncé venceu a de Melhor Performance Vocal Pop Feminina com *Halo*, em 2010; Canção do Ano com *Single Ladies (Put A Ring On It)*, em 2010, Melhor Álbum de Som Surround com *Beyoncé*, em 2015, Melhor Álbum Urbano Contemporâneo com *Lemonade*, em 2017, Melhor Vídeo Musical com *Formation*, em 2017, Melhor Álbum Urbano Contemporâneo com *Everything is Love*, em 2019, Melhor Filme Musical com *Homecoming*, em 2020, Melhor Vídeo Musical com *Brown Skin Girl*, em 2021, Melhor álbum de dance/eletrônica com *Renaissance*, em 2023, e Melhor gravação dance/eletrônica, com *Break my soul*.

Embora seja a cantora mais premiada da história do *Grammy*, com 32 gramofones, Beyoncé ainda não ganhou o prêmio principal. E, para ampliar um pouco mais o debate, é necessário abordar o racismo institucional e seu impacto na vida de mulheres negras.

Segundo Emanuel Lima (2019, p. 19), o racismo institucional atua de forma mais “sutil, sendo fruto da ação ou omissão de instituições como, por exemplo, as forças policiais ou o judiciário. Via de regra, ele é mais difícil de ser reconhecido como racismo (...)”. Nas instituições, o racismo institucional causa desigualdades e inequidades de maneira naturalizada, como a “indisponibilidade e/ou acesso reduzido a políticas de

---

<sup>5</sup> Ano de referência da pesquisa: 2023.

---

qualidade, no menor acesso à informação, na menor participação e controle social e na escassez de recursos”. (LIMA, 2019, p. 20)

De acordo com Nilma Limo Gomes (2005, p. 53), o racismo institucional implica práticas “discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos”. No caso da mídia, Gomes (2005, p. 53) exemplifica com as produções audiovisuais que insistem “em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada”.

Com base nas discussões dos autores acima, é relevantes abordar a academia fonográfica, nesse artigo representada pelo *Grammy*, como uma instituição. Nos seus históricos, listados anteriormente, a representatividade de pessoas negras no prêmio principal é baixa, sendo que no caso de mulheres negras, é ainda menor. Se fôssemos analisar o problema apenas considerando o fator racial, as mulheres negras seriam apagadas. Se ampliássemos para gênero no total (mulheres brancas e não-brancas), mais uma vez, as mulheres negras poderiam ser apagadas.

Nesse ponto, é importante abordar a Teoria da Interseccionalidade. De acordo com Kimberlé Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (p. 177).

Para exemplificar a Interseccionalidade, trago um ponto essencial referente ao *Grammy*: o número de mulheres negras premiadas até 2023, como apresentado anteriormente. No total, são apenas 3 artistas e analisar a premiação de forma interseccional contribui para que esse fato não seja apagado e silenciado, principalmente com discursos sociais com o objetivo de homogeneizar grupos minorizados.

Por exemplo, destacar apenas que o *Grammy* não premia pessoas negras ou mulheres para o prêmio principal. No caso, ele vem premiado mais homens negros (mesmo que o número ainda seja baixo), homens brancos e mulheres brancas. Dessa forma, é válido enfatizar que:

---

(...) classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres. (CRENSHAW, 2002, p. 173)

Seguindo, levanto o questionamento: “E as cantoras negras, como que ficam?” Abordando ou não a temática racial em seus trabalhos, elas tem sido impedidas de ganhar o prêmio principal devido ao racismo institucional combinado com o machismo (e não só) do *Grammy*. Se há a discriminação racial, há também a discriminação de gênero, de forma conjunta. O fato de Beyoncé não ganhar o prêmio reforça essa dinâmica complexa, ao mesmo tempo que pode silenciar a sua gravidade, com comentários (midiáticos, críticos musicais, sociais ou fãs) variados sobre a academia esnoabar a cantora.

O motivo dela não ganhar não é porque ela não entregou um bom trabalho no ano, nem porque o seu talento não é suficiente. Ela não ganha pelo fato do *Grammy* possuir, em sua organização, mecanismos institucionais, feitos para que mulheres negras não ganhem. Como afirma Roza (2022) não é possível pensar Beyoncé sem a Interseccionalidade, e ainda muitas pessoas não percebem a artista como uma mulher negra, o que pode silenciar a dimensão e complexidade desse problema institucional.

Outro tema relevante para essa discussão é a classe, principalmente pela indústria fonográfica movimentar o sistema capitalista. Um álbum ou artista mais premiados, consequentemente, tem mais alcance e retorno financeiro pelo consumo de suas produções, contratos com empresas para gravação de anúncios, lançamentos de serviços e produtos, entre outros.

No caso de Beyoncé, esse processo não é diferente, uma vez que ela, por ter visibilidade global, também produz para vender mais e ter lucros acima da média, assim como a maioria dos artistas. Aqui, é relevante compreender também os cantores como gestores dos seus negócios para a sobrevivência deles na indústria fonográfica e também suas estratégias de concorrência, visando mais lucros.

Angela Davis (2016, p. 24), em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, contextualiza que “o sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero”.

No sistema capitalista, mulheres negras podem até ter lucros, mas não tanto como homens brancos e negros e mulheres brancas. Esse é um processo estruturado e fundado nos períodos de escravização. E a premiação do *Grammy* representa isso, ao ter, até 2023, apenas 3 mulheres negras, em destaque no prêmio principal.

É válido ressaltar que Beyoncé, por ter uma carreira construída, fatura mesmo não ganhando o *Grammy*, inclusive o fato dela não ganhar o prêmio de álbum do ano, aumenta também a sua visibilidade dela, podendo ocasionar no crescimento das vendas de álbuns e turnês. Segundo dados da Billboard, de junho de 2023, a cantora ganhou mais de R\$ 748 milhões, apenas com a turnê de *Renaissance*, na Europa.<sup>6</sup>

Entretanto, Beyoncé é uma exceção à regra, uma vez a maioria das mulheres negras não terão o mesmo lucro que ela, principalmente devido às estruturas e dinâmicas racistas, classistas e sexistas (e não só), que impactam as vivências e experiências de mulheres negras, no acesso à renda, emprego e trabalho, por exemplo.

### 3. Metodologia e Análises

Para analisar os dois momentos: as premiações de álbum do ano, em 2017, quando a Beyoncé concorreu com *Lemonade* (2016) e, em 2023, quando ela concorreu com *Renaissance* (2022), usei como método a Lente Interseccional de Roza (2022), sob abordagem metodológica da Interseccionalidade.

A autora aborda a importância de realizar análises interseccionais sobre Beyoncé e desenvolveu seu próprio método de análise da cantora, a Lente Interseccional, seguindo a proposição de Fernanda Carrera (2020), que também lidera o movimento acadêmico, pela aplicação do método interseccional nas pesquisas em comunicação.

Carrera argumenta que Interseccionalidade, como método, nas Pesquisas em Comunicação carece de “aparatos conceituais próprios, em diálogo com suas origens, para que não reduza sua capacidade analítica a estudos descritivos dos sujeitos, materialidades e suas estruturas” (p. 2). Dessa forma Carrera (2020, p. 2), desenvolveu um

quadro metodológico, denominado “roleta interseccional”, admitindo que a observância das matrizes de opressão que atravessam os corpos e os

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://portalpopline.com.br/beyonce-arrecada-r748-milhoes-etapa-europeia-turne-renaissance/>. Acesso em: 13 ago. 2023

---

sujeitos é fundamental para a compreensão dos efeitos comunicacionais por eles engendrados.

De acordo com Roza (2022, p. 151), a “Roleta Interseccional não foi usada para as análises, mas sim para me guiar na elaboração da minha lente interseccional”. Ela destaca a relevância de se analisar objetos audiovisuais, sendo atravessada por marcadores sociais, e seus impactos nas percepções e resultados das análises:

Porém, aplico essa metodologia sob uma lente interseccional, atual, feminista negra, afrodiáspórica, latino-americana, antirracista e jovem, que nomeei de: “Como eu vejo Beyoncé e seus trabalhos?”. E, para ilustrá-la, de maneira metafórica, ela seria uma lente de uma câmera fotográfica, por se tratar de objetos audiovisuais. (ROZA, 2022, p.142)

Para esse artigo, a Lente Interseccional será fundamental nas análises das cenas dos dois momentos da premiação, a fim de compreender também como se dão as filmagens em torna da artista no momento do anúncio do vencedor.

### **3.1. Lemonade:** cuide da sua saúde mental com afetos

Em 2016, Beyoncé lançou seu sexto álbum solo e o segundo visual, *Lemonade*. Um álbum de respostas à traição do marido Jay-Z, ocorrida por volta de 2010-2014. Mas, não só: um “resgate histórico-cultural e político sobre o passado da sua família e da escravização nos EUA, com as gravações em uma fazenda desse período, em Louisiana, Estado do Sul do país”. (ROZA, 2022, p. 163).

Repercussões e questionamentos em torno de “Beyoncé é negra?”, ocorreram no mundo, assim como campanhas de boicotes à cantora por trazer, em sua arte, o passado colonial estadunidense. Estava ali Beyoncé apresentando também a sua negritude, recuperando a sua identidade, se tornando negra e falando de saúde mental:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas, mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recria-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p.17)

Em 2017, *Lemonade* foi indicado ao prêmio de álbum do ano, do *Grammy*, porém não venceu e perdeu para o 25, da cantora Adele. Em seu discurso, no palco, ela fala



emocionada sobre ganhar o prêmio, de Beyoncé e de *Lemonade*. Contudo, Adele já havia vencido a mesma categoria em 2012, com o álbum *21*.

Antes do anúncio, é apresentada a tela com cada um dos concorrentes: Adele e Beyoncé acima, abaixo: Justin Bieber, Drake e Sturgill Simpson, como se fosse uma pirâmide, dos mais prováveis ganhadores. Sendo a única mulher negra a concorrer, e também a artista mais famosa, é importante perceber como a tela dela é a única que está em plano próximo, os demais estão distantes. Assim, é possível perceber o foco na apreensão de Beyoncé, sua decepção após o anúncio, e seus aplausos segurando um gramofone, já ganho na noite (FIG 1).



FIGURA 1 – Telas de concorrentes à categoria de álbum do ano  
FONTE – Reprodução da autora.

No meio do seu discurso, Adele diz:

Eu não posso aceitar esse prêmio. Tenho muita humildade e gratidão, mas a artista da minha vida é Beyoncé. O álbum *Lemonade* é muito monumental. Beyoncé foi monumental. E tão bem pensada e tão bela e tão carregada e todos nós podemos ver o outro lado dela, que ela nem sempre nos deixa ver e nós apreciamos isso e todos nós artistas aqui a adoramos. Você é luz. E a forma como você me faz sentir, meus amigos e amigos negros é empoderadora. Você faz com que eles se defendam. Eu te amo, sempre te amei, sempre amarei. (ADELE, 2017)<sup>7</sup>

Entre a referência à sua inspiração: Beyoncé, Adele a agradece por seu impacto e trabalho, o reconhecendo como merecedor do prêmio. As pessoas no palco aplaudem, mas Beyoncé balança a cabeça, timidamente em negativa, quando ela fala que *Lemonade* foi monumental. Porém, a fala emocionada de Adele funciona também como “uma

<sup>7</sup> Tradução própria. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ctuggqUSITM>. Acesso: 19 mar.2023

tentativa de consolo” à Beyoncé, que chora com as palavras da cantora, enquanto a câmera foca no seu rosto.



FIGURA 2 – Enquanto Adele discursa, a câmera foca no rosto de Beyoncé  
FONTE – Reprodução da autora.

É válido ressaltar que o papel de Adele é importante, contudo sua abordagem reforça o discurso de que a mulher negra é boa, todos percebem/sabem, mas ainda não está pronta para o prêmio principal. E quando vai estar? Se em sociedades com estruturas racistas e machistas (e não só), onde a branquitude determina, em grande parte, as regras, e que corpos não-brancos não podem ocupar o mesmo espaço/posição? Mesmo falando que não poderia receber o prêmio, Adele o recebe e agradece ao *Grammy* e diz que ama a Academia.

Será que ela não poderia ousar, além do discurso e ir para prática e entregar o prêmio à Beyoncé? Provavelmente, ambas poderiam ser punidas, porém Adele relembra também muitas organizações e pessoas que dizem, em seus discursos, que são diversas e inclusivas, mas não passam do discurso, para não serem canceladas. Adele também, certamente, temia o cancelamento ou às críticas da *Behive*.

Além disso, nesse ponto, o que me chama a atenção é o choro que Beyoncé segura, mais a fundo. As lágrimas descem, mas ela segura parte delas. O momento é simbólico e remete também às punições públicas nos contextos coloniais da escravização de pessoas negras, onde quem ousava transgredir o sistema, seja fugindo ou se rebelando, recebia punições em praças públicas.

O *Grammy*, não é público, mas é transmitido para todo o mundo. A punição está ali também, midiática. Para mulheres negras, um possível gatilho nos seus contextos

---

profissionais ou acadêmicos, em que, muitas vezes, elas dão o máximo, assim como Beyoncé, porém “não estão prontas para avançar”, dizem. Dessa forma, é “preciso aprender a estabelecer a relação entre gênero, raça, classe e sexualidade. Nós temos que lutar por saúde física, mental, emocional e espiritual”. (DAVIS, 2011, p. 5)

Em contrapartida, o choro de Beyoncé, que para muitos pode ser de emoção, representa também a tristeza de ver pessoas brancas avançando, “sem estarem prontas”, sem entregarem um trabalho gigantesco, sem terem décadas de experiência.

Algumas delas podem reconhecer que há um problema e terem a mesma atitude de Adele, porém o que fica apagado, muitas vezes, é como fica a saúde mental de Beyoncé e das mulheres negras que enfrentam o mesmo durante a vida. Elas sabem que são ótimas e incríveis, entretanto não terem o reconhecimento por isso, na maioria das vezes, dói. Porém, quem vê o choro delas e se importa com ele? Se ainda as mulheres negras são vistas como fortes? (ROZA, 2022).

Apoios, afetos, união e bem-estar podem ser a grande diferença no dia a dia delas. Beyoncé usa a música para isso também, para enfrentar o que é maior que ela, que ela não tem controle. Muitas vezes, a cantora faz isso de forma utópica, celebrando o amor, em todas as suas maneiras de se manifestar, para potencializar a caminhada e dá direções para celebrar a vida para futuros prósperos para a negritude. Como Angela Davis (2011, p. 12) norteia: “penso que utopia é quando a gente se move em novas direções e visões. Utopia no sentido de que necessitamos de visões para nos inspirar e ir para frente. Isso tem que ser global”.

### **3.2. Renaissance:** renascer é preciso e celebrar a vida também

Em 2022, Beyoncé fez uma grande estratégia de marketing nas redes sociais para lançar seu décimo segundo álbum, o *Renaissance*. Dançante e uma viagem no tempo das discotecas, o trabalho foi colocado, por muitas pessoas, como o retorno de Beyoncé, à época em que ela não enfatizava a raça nos seus trabalhos. Porém, como aborda Roza (2022) não é possível ler Beyoncé rapidamente, devido à complexidade de seus trabalhos e detalhes.

E, mais uma vez, Beyoncé falou sobre as relações raciais com referências às mulheres negras. Por meio da dança, do renascimento pós auge da pandemia da covid -

19, do renascimento que faz uma crítica à ideia de arte da branquitude. Do renascer para a vida e celebrá-la com uma festa, apesar de todos os problemas que se possa enfrentar.

Assim como *Lemonde, Renaissance*, concorreu à categoria de álbum do ano, do *Grammy*, em 2023, porém não ganhou. O vencedor foi um cantor branco, o inglês Harry Styles, ex-vocalista da *boyband One Direction*. Em seu discurso, Styles fala sobre como todos os artistas da categoria o inspiram e também que: “Isso não acontece para pessoas como eu frequentemente”<sup>8</sup>, se referindo a ganhar o prêmio.

Enquanto ele discursa, pessoas ao fundo gritam: “Saia do palco! Beyoncé deveria ter ganhado!”, em sinal de protesto pelo resultado. Uma cena dela, sozinha, sem muitas pessoas próximas, aplaudindo de pé, é destaca pela câmera (FIG 3). Mais uma vez, o foco é nas expressões da cantora. Em comparação com a edição de 2017, novamente, o enquadramento mostra a vulnerabilidade dela, ao mesmo tempo que remete também à solidão da mulher negra.



FIGURA 3 – Beyoncé aplaude o anúncio do ganhador de álbum do ano  
FONTE Reprodução da autora.

A imagem grita: “você é boa, mas não para esse prêmio”. Uma imagem de controle que se repete também em 2023. E, em meio aos holofotes, é esperado midiaticamente e, por parte do público e pessoas presentes, que Beyoncé performe a sua derrota e aplauda. O que chama a atenção é que em 2017 e 2023, apenas Beyoncé ficou focada na câmera diante dos discursos dos vencedores. Os demais concorrentes da categoria não tiveram o mesmo destaque. De fato, uma cena que é violenta.

<sup>8</sup> Tradução própria. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Db01B9-0Q3Q>. Acesso: 19 mar.2023

---

É válido destacar que na categoria concorreram também 2 cantoras negras: Lizzo e Mary J. Blige; o cantor negro Kendrick Lamar; o cantor porto riquenho, Bad Bunny; a cantora branca Brandi Carlile e as bandas Coldplay e ABBA, compostas por pessoas brancas.

A Lizzo aparece mais vezes, muito feliz pela vitória do Styles e filmando o momento com um smartphone. Já Mary J. Blige e Chris Martin, vocalista do Coldplay, aparecem rapidamente, mas com expressões de que não gostaram do resultado e não estão aplaudindo. Blige, inclusive, fica sentada na mesa e Martin está de pé.

A fala de Styles, que se parece surpreso por ganhar o prêmio, sobre não ser comum pessoas como ele ganharem, é problemática e carrega inúmeros significados. Se formos só problematizar raça e anos de carreira, por exemplo, artistas brancos (em início de carreira<sup>9</sup> ou não) são os mais indicados e ganharam mais, ao longo da história da premiação, como abordado anteriormente.

#### 4. Considerações finais

É preciso interseccionalizar a Beyoncé para analisá-la, principalmente quando o assunto é o *Grammy*. Sem a Interseccionalidade, Beyoncé será percebida, para muitas pessoas, como uma mulher desracializada, que não tentou o bastante e que “ainda não chegou a vez dela ganhar, mas se persistir, consegue”.

Falas problemáticas, meritocráticas e cotidianas, como essas, e que apagam as dimensões do racismo institucional combinado com o machismo e naturalizado na premiação. E foi possível apresentar a relevância da Interseccionalidade no decorrer das discussões desse artigo. De fato, não falta talento em Beyoncé e o *Grammy* possui mecanismos institucionais que são maiores que ela, como abordado também.

Outro tema importante é a saúde mental da mulher negra que é gatilhada midiaticamente, pelos enquadramentos de Beyoncé. É esperado que ela seja forte por ser

---

<sup>9</sup>A cantora Billie Eilish iniciou a carreira em 2015 e venceu o álbum do ano em 2020, com 18 anos. A cantora Taylor Swift iniciou a sua carreira em 2006 e venceu o álbum do ano em 2010, com 20 anos. Venceu também em 2016. Já em 2021, ela ganhou o terceiro gramofone da categoria, se tornando a única mulher a ter três prêmios de álbum do ano. Styles iniciou a sua carreira em 2010 e venceu a mesma categoria em 2023, aos 29 anos. Adele iniciou a carreira em 2006 e venceu 2012 e 2017. Beyoncé tem 41 anos e iniciou a carreira entre os anos 80-90, ainda na infância. Sendo que a partir de 2000, seguiu carreira solo, mas ainda não ganhou a mesma categoria, que os cantores brancos, mais jovens que ela e com menos tempo de carreira.

uma mulher negra, mas, mais uma vez, ela está lutando contra algo que é maior que ela. Boicotar a premiação pode reduzir a dor e proteger a saúde mental de um gatilho assistido por milhares de pessoas.

Entretanto, não resolve totalmente o problema, pois isso pode já ser esperado pela academia. Dessa forma, finalizo destacando a importância de políticas de combate ao racismo institucional na premiação e políticas afirmativas de reparação histórica para que mais mulheres negras também possam levar o prêmio principal, assim como pessoas de grupos minorizados. Isso é urgente e não pode ficar apenas no discurso do *Grammy* que, nos últimos anos, tem se promovido como mais diverso e inclusivo. Por fim, artistas e pessoas brancas, que querem contribuir para um mundo mais inclusivo, também podem pressionar a academia para que essas mudanças aconteçam.

## REFERÊNCIAS

CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional**: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: E-Compós. 2021. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/ecompos/article/view/2198/2025> . Acesso em: 03 abr. 2022

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. Ano 10, 2002. **UAMEM Redalyc.org** – Rede de revistas científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38110111>. Acesso em: 13 ago. 2023.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. 2011.

Davis, Angela, 1944. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal, v. 10639, n. 3, p. 39-62. 2005. p. 53. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>.

LIMA, Emanuel Fonseca (Org). Racismo no plural: um ensaio sobre o conceito de racismos. **Ensaios sobre racismos**. 2019. Disponível em: <https://ocarete.org.br/acervo/ensaios-sobreracismos/> . Acesso em: 10 jul. 2021

ROZA, Sandra Rita de Cássia. **Beyoncé sob uma lente interseccional**: uma análise das representações de mulheres negras em Lemonade, Homecoming e Black is King. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas,

---

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em:  
<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/15165>. Acesso em: 09 jul. 2023

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.